

O FIO DO HORIZONTE / 1993

um filme de Fernando Lopes

Realização: Fernando Lopes / **Argumento:** Christopher Frank e Jean Nachbaur, baseado no romance homónimo de Antonio Tabucchi / **Direcção de Fotografia:** Javier Aguirresarobe / **Direcção Artística e Guarda-Roupa:** Jasmim de Matos / **Música:** Zbigniew Preisner / **Som:** Vasco Pedroso / **Montagem:** Jacques Witta / **Interpretação:** Claude Brasseur (Spino), Andrea Ferreol (Francesca), Ana Padrão (prostituta), António Valero (Álvaro), Miguel Guilherme (Fausto), Luís Santos (Bogossian), Nicolau Breyner (médico legista), Fernando Heitor (barman), Paulo Rocha (monge), Margarida Marinho (Inês), José Gomes e Joaquim Leitão (homens no bar), José Manuel Mendes (Anton), Márcia Breia, Adelaide João, etc.

Produção: Companhia de Filmes do Príncipe Real / **Produtor:** António da Cunha Telles / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP, colorida, falado em francês com legendagem eletrónica em português, 93 minutos / **Estreia em Portugal:** Nimas, a 4 de Março de 1994.

Depois de um “filme rural”, **Matar Saudades**, em 1988, Fernando Lopes voltou, com **O Fio do Horizonte**, a filmar Lisboa, cidade que não filmava desde 1984 e **A Crónica dos Bons Malandros**. É uma ideia interessante, esta de ver Fernando Lopes como um “cineasta de Lisboa” – ideia que, obviamente, não se aplica nem serve para explicar toda a sua obra mas que nela define *alguma coisa*. Não temos grandes dúvidas de que seria estimulante fazer uma aproximação entre as diferentes “visões de Lisboa” que Fernando Lopes foi pontualmente propondo ao longo da sua filmografia, do fulcral **Belarmino** (1964) a um filme que, de certo modo, se esconde de Lisboa (tal como se escondem as suas personagens), **Lá Fora** (2004).

Nesta perspectiva, encontramos em **O Fio do Horizonte** uma Lisboa revista em chave ambigualmente realista. “Realista”, porque todos estes lugares são reconhecíveis, dotados de uma espécie de plausibilidade que nem se esgota numa mera sinalização tipológica nem, no fundo, a contradiz (por exemplo, as cenas passadas no Cais do Sodré). Mas ambígua porque esta Lisboa, raramente ou nunca filmada “em plano geral”, surge singularmente cerrada, misteriosa, “cabalística” - cheia de esquinas esconas, de passagens secretas, de lugares semi-clandestinos, de personagens (como os dois velhos judeus, Bogossian e Anton) que trazem com eles mundos antiquíssimos. Uma Lisboa, enfim, filmada como inesgotável fonte de narrativas (e nisto, o filme será particularmente fiel à escrita de Antonio Tabucchi, bem como ao espírito de Pessoa, sua inspiração maior).

Uma Lisboa assim é o sítio ideal para um homem se perder. E **O Fio do Horizonte** é, no fundo, a história de um homem que se perde no momento em que bizarramente se descobre. E isto é literal: trata-se da história de Spino, médico-legista que se reconhece no rosto de um cadáver a autopsiar. Abre-se como que um “túnel” na sua Lisboa misteriosa e nocturna (Spino trabalha no turno da noite), túnel para onde Spino se atira numa investigação/viagem que se mantém sempre numa fronteira esbatida entre interioridade e exterioridade, entre o “mental” e o “físico”, e onde tudo é “reflexo” e – como se vê no fim, fechado o círculo – “paradoxo”.

Fernando Lopes tempera este mergulho num universo paralelo mas perturbantemente próximo (e perturbante por ser próximo) com uma reflexão, que se adivinha possuir uma dimensão pessoal, sobre um certo cansaço “existencial”, apenas moderadamente (mas não negligenciavelmente) paródico. Não esqueçamos que, na época, Fernando Lopes disse ter escolhido Claude Brasseur (actor imenso) para o papel do protagonista por se tratar de um actor fisicamente aproximável do próprio realizador – assim prolongando a outro nível a história do “duplo” que alimenta a narrativa, introduzindo ao mesmo a hipótese de uma projecção pessoal que é muito mais importante pelo que adensa do que pelo que eventualmente ilumina. E parece-nos que adensa, e obscurece, muito mais do que ilumina.

Luis Miguel Oliveira